

# Organizado e com armas

## O FASCISMO NÃO PASSARÁ

OS TRABALHADORES

PROIBEM A

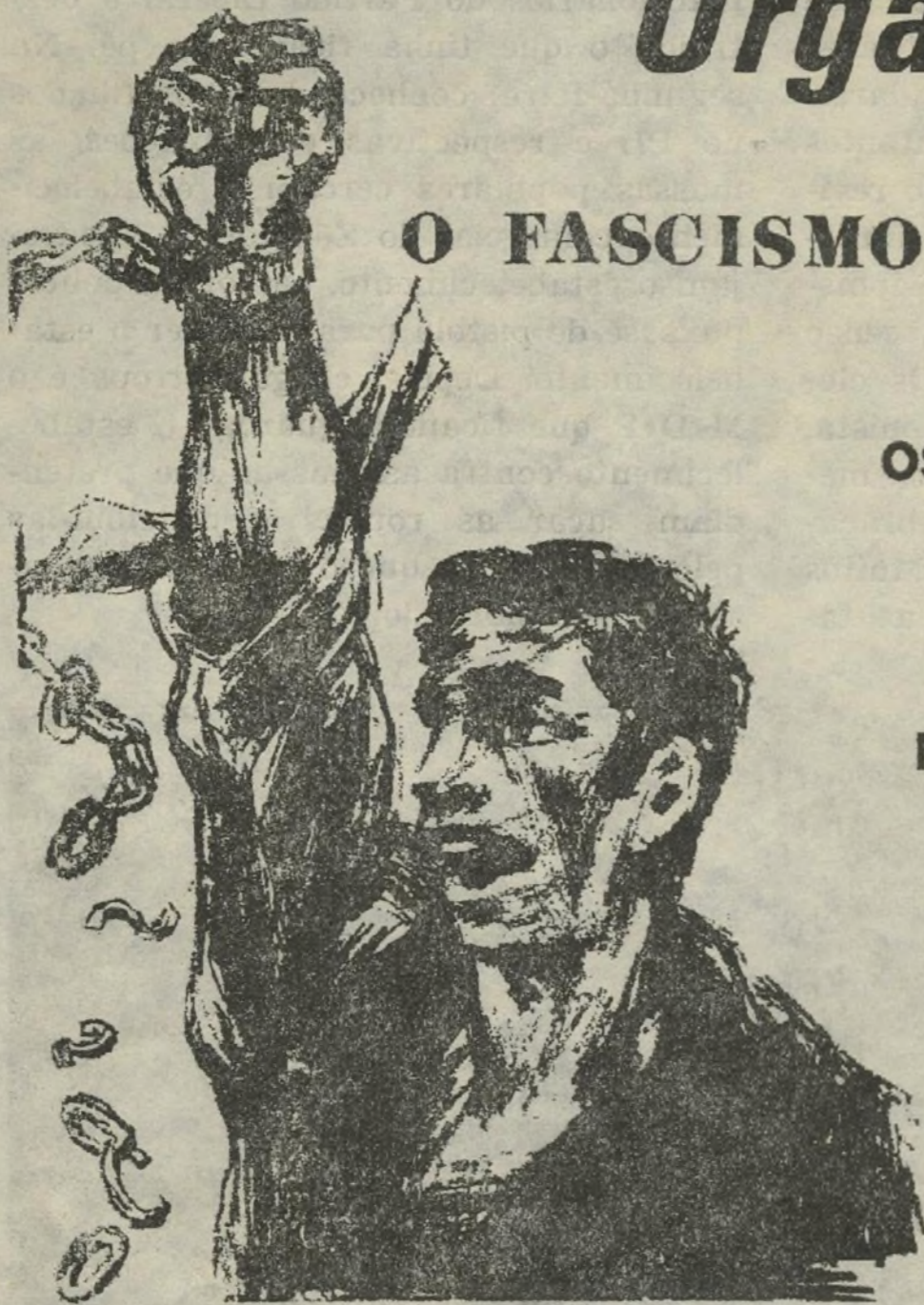
MANIFESTAÇÃO

FASCISTA

# o Povo

é

# invencível!



MOITA, ALHOS VEDROS,  
BAIXA DA BANHEIRA:

Malgrado as tentativas dos revisionistas e oportunistas de várias cores para fazer recuar o poder ofensivo do povo, a luta popular anti-fascista chegou a formas superiores nos dias 28 e seguintes.

Sabendo que a Comissão Administrativa da Moita possuía listas dos filiados na ANP, o povo enquadrado por revolucionários e pelos grupos de ACÇÃO ANTI-FASCISTA, exigiu que elas fossem divulgadas. Recusado a princípio pelo Senhor Staline de Jesus, este foi obrigado a ceder e as listas, a princípio apenas divulgadas nas panelinhas dos políticos burgueses, foram finalmente divulgadas no seio das massas populares.

Divulgados nomes e listas, grupos de vigilância e de acção anti-fascista enquadrando dezenas de populares passaram em revista várias casas de conhecidos bufos legionários, fascistas e demais reaccionários, arrombando as portas que não eram abertas para a vigilância popular, apesar de certas forças insistirem que não se devia fazer isso pois constituía uma violação da propriedade privada.

No sábado de manhã, em Alhos Vedros, numeroso grupo de populares dirige-se a casa do conhecido fascista Germano. Revistada a casa e encontradas provas, com o fascista à frente da multidão, são em seguida revistadas as casas de outros dois fascistas, que passam os três a correrem à frente da

multidão. O povo gritava: «Os porcos vão à frente», «Os pides morrem na rua», percorrendo toda a vila com os três canalhas. Seguidamente são postos no coreto, para serem bem vistos, onde são lidas as provas encontradas. Seguidamente o povo dirigiu-se para casa do conhecido dirigente da ANP, Daniel do Nascimento, que entretanto já tinha fugido. Depois foi a vez da casa do escroque explorador «Féria» sem que o melro fosse encontrado, mas apenas a documentação e fardamento da Legião. Mais tarde, esse bandido foi encontrado barricado numa garagem, ameaçando mesmo o próprio filho de disparar caso alguém entrasse. Só os fuzileiros o persuadiram a sair de lá.

Em seguida, foi a vez do grande parasita «Caiado», que tinha o seu palácio trancado e tinha fugido para o Algarve. Arrombada a porta todo o povo pode ver o luxo em que esse explorador vive à custa da miséria dos que nas fábricas de cortiça são por ele explorados. As casas deste e doutros exploradores, são autênticas afrontas ao povo trabalhador.

Entretanto, outro fascista foi preso, o conhecido pide «Adriano», que já após o 25 de Abril chegou a afirmar: «Vejam lá como é que falam, que isto não é como vocês julgam, eu antes era pago por um e agora sou pago por outro». Mas desta vez foi como o povo quis e o Adriano teve de percorrer a vila com o retrato de Salazar nas mãos. No coreto foi mostrado ao povo.

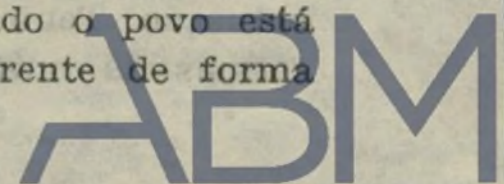
A participação activa e a iniciativa e alegria populares em todos estes

acontecimentos foi extraordinária, ficando demonstrada toda a força da classe operária e do povo trabalhador. Palavras de um corticeiro: «Isto é que é, isto é que é o nosso 25 de Abril!»

A noite realizou-se uma assembleia popular, onde foram analisadas as causas do fascismo e da sua escalada, e as formas de organização e luta que o povo deve levar a cabo. Depois foram tomadas medidas organizativas práticas, sendo eleita uma comissão de saneamento local e organizados piquetes populares armados de caçadeiras, forquilhas, machados e de tudo o que se pode arranjar, que se colocaram nas principais zonas estratégicas. Havia também um piquete motorizado encarregado das comunicações entre os vários piquetes, e as várias terras.

Estes piquetes funcionaram durante vários dias, e na segunda-feira, dia 30, tendo havido informações de materiais contra-revolucionários em casa do capitalista «5 Reis de Peixe» o povo mobilizou-se para revistar a casa, mas a chegada dos fuzileiros impediu tal acção. Elementos afectos aos fuzileiros diziam isso constituir uma violação à propriedade privada, como se a casa não tivesse sido construída com o suor e sangue dos trabalhadores. Tendo ficado piquetes populares armados a vigiar a casa durante a noite, no dia seguinte com a participação em massa da população, a casa foi revistada bem como a de outros capitalistas conhecidos e odiados pelo povo de Alhos Vedros.

Mais uma vez, os partidos burgueses e seus dirigentes locais esforçaram-se por deter o impetuoso movimento popular que lhes punha os cabelos em pé, manobrando por cima do povo, e tentando pela boca do Sr. Staline de Jesus, retirar todo o carácter revolucionário aos cabos de ordem que o povo tinha decidido formar. Mas os revisionistas, na luta do povo, quando o povo está disposto a lutar em frente de forma



organizada e revolucionária, não têm possibilidades de levar avante as suas tenebrosas teorias, e as propostas de liquidar os «cabos» e os transformar numa nova G.N.R., foram totalmente liquidadas.

Na Baixa da Banheira, o povo em luta, cercou o posto da Guarda no sábado, dia 28, e disse-lhes que não podiam estar armados. A G.N.R., cercada pela população, disse que estava bem mas que ficava um praça armado para defesa da população. Os populares após terem reunido para discutir a proposta da Guarda, disseram-lhes que estava bem e passaram busca ao posto recolhendo um arsenal de armas que davam para cerca de 50 pessoas. Guardaram as armas numa sala ficando com a chave que entregaram aos fuzileiros quando estes chegaram, tendo ficado a controlar o posto.

Entretanto, o povo prendeu um tipo da ANP e tendo este voltado passados dois dias, foram perguntar à G.N.R., pedindo explicações. Estes disseram que não sabiam, e o povo obrigou-os a irem a casa do fascista. Quando o guarda ia a sair de casa o povo que vigiava as operações apareceu, e como o praça não conseguisse dispersar a multidão foi para casa fazer as malas e os populares deixaram-no ir.

Depois, constituiu-se um grupo de 18 pessoas para patrulhar a região, e a G.N.R. apareceu na reunião para oferecer 1 jeep para «fazer as rondas que necessitem», e um sargento afirma que só lá está enquanto o povo quiser.

Como a G.N.R. não abandonou o posto, a população decidiu vigiá-los e para isso passou a entrar e sair constantemente do posto.

Os piquetes populares continuam e há grupos organizados especialmente para vigilância e informação.

Na Baixa da Banheira, depois das várias lutas levadas a cabo pelos piquetes populares, na quinta-feira, 2 de Outubro, houve uma reunião numa Colectividade local, para escolher quem iria fazer parte dos piquetes armados que têm como objectivo intervir em qualquer momento contra a reacção. Apresentadas duas listas de 18 pessoas, ganhou a lista que enquadrava alguns dos combatentes mais activos, tendo o Sr. Staline de Jesus, defensor da outra lista, aconselhado as pessoas a reflectirem bem, pois mesmo tratando-se de pessoas activas contra o fascismo «tinham pouca calma como era necessário para essa função». Isto valeu-lhe naturalmente uma salva de apupos.

Os oportunistas de vários quilates, nomeadamente os revisionistas do P«C»P, tiveram o papel que está de acordo com as suas linhas gerais de actuação. Tentando travar de todas as formas as lutas, tentavam, depois de

ultrapassados pelas massas populares, pôr-se à frente delas para dizer que eles é que eram, e tentar de novo fazer recuar o combate e o avanço populares. De notar o facto de muitos militantes e simpatizantes de base do Partido revisionista terem aderido às justas directrizes, o que mostra como o revisionismo se isolará totalmente com o ascenso da luta popular revolucionária. Os elementos afectos ao Partido revisionista, puderam participar nos piquetes, mediante a condição de tirarem as braçadeiras, como exigiu a população. Muitos deles, na madrugada de 28, não acata-

sede clandestina onde se acoitavam os reaccionários do Partido Liberal é destruído o que tinha ficado em pé. Na segunda-feira, conhecendo-se os filiados no PL e respectivas contribuições, as massas populares cercam o estabelecimento comercial do Zé Mota e apedrejam o estabelecimento, embora a policia puxasse de pistola para defender o estabelecimento. Depois, chega a tropa e o M«D»P que ficam a guardar o estabelecimento contra as massas que pretendiam sacar as roupas e distribuí-las pelo povo, aquilo que o Mota tinha conseguido, explorando.



Grândola, vila vermelha - Manifestação anti-fascista, no dia 28 de Setembro de 1974

ram a ordem de deserção dos piquetes, lançada pelos dirigentes revisionistas, e permaneceu no combate.

SETÚBAL — Desde a noite de 27 foram montados piquetes populares em todas as estradas da região de Setúbal, que fiscalizavam e revistavam todas as viaturas. Às 4 da manhã chegaram elementos do P«C»P, dizendo que traziam ordens do Estado-Maior para que os piquetes fossem constituídos por 1 elemento de cada Partido, ao que os populares responderam, que não tinham nada a ver com o que diziam aqueles partidos. Continuaram os piquetes populares e pouco depois chegaram dois dos mais conhecidos elementos afectos ao jornal oportunista «Voz do Trabalhador» querendo vender jornais e discutir profundos problemas de xaxa que constituem a sua política oportunista. Foram corridos pelas massas à voz de traidores.

Os soldados, conjuntamente com o povo, fiscalizava as viaturas.

No sábado à noite, é assaltada a sede clandestina do Partido Liberal, que é destruída. No dia seguinte, a propaganda fascista é lançada ao rio e na

### Parte de um comunicado de um GAAF da Baixa da Banheira

Estes dias foram gloriosos para todos nós, e demonstraram que o povo organizado e armado é invencível.

Com estas lutas, estamos hoje mais unidos contra o fascismo e o capitalismo, e mais decididos que nunca a lutar por um mundo novo onde não haja exploração do homem pelo homem.

Mas houve uma mancha nessas jornadas. Foi o caso de alguns senhores bem conhecidos que se dizem democratas, e que até são chamados Partido «Comunista» Português, aparecerem no fim da luta e colocarem uma bandeira do seu partido numa barricada, para darem a entender que estavam na frente de luta e de organização das massas.

Não somos contra a chegada desses elementos à luta, até porque o nosso trabalho foi o de organizar toda a população. O que somos é contra o oportunismo de quem não avança contra o fascismo na altura em que é preciso, chega fora de horas e depois tenta dizer que fez tudo e que dirigiu tudo.